

MORTE E A EXPERIÊNCIA DO FENÔMENO NA VIDA DO ENLUTADO

Márcia Maria da Silva¹

Rodolfo Rodrigues Machado²

RESUMO: O período de luto é individual para cada enlutado, quando se perde um ente querido é uma experiência subjetiva. É comum nesse cenário diante da perda surgir uma explosão de emoções e sentimentos por parte do enlutado. Existe uma parcela dessa população que por escolha decide por não participarem dos rituais de enterro e despedida de seus entes. A partir dessa decisão faz sentido aprofundar e buscar entender quais motivos dessa escolha é sua intencionalidade no sentido de levantar hipóteses e entrelaçar resultados com a teoria da Fenomenologia Existencial. Para isso foi usado o método de entrevista semiestruturada para entrevistar três mulheres maiores de dezoito anos com a escolha em comum por não velarem e ou não participarem do ritual de velório e enterro de seus entes.

Palavras-chave: Morte; luto; rituais; psicologia; fenomenologia.

ABSTRACT: The period of mourning is individual for each mourner when losing a loved one is a subjective experience. It is common in this scenario, in the face of loss, for an explosion of emotions and feelings to appear on the part of the bereaved person. There is a portion of this population who, by choice, decide not to participate in the burial and farewell rituals of their loved ones. Based on this decision, it makes sense to delve deeper and seek to understand the reasons for this choice and its intentionality in order to raise hypotheses and intertwine results with the theory of Existential Phenomenology. For this purpose, the semi-structured interview method was used to interview women with a common choice of not watching over or participating in the wake and burial ritual of their loved ones.

Keywords: Death; mourning; rituals; psychology; phenomenology.

¹ Graduanda do curso de Psicologia no Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves (UNIPTAN). E-mail: marciamaria657@gmail.com

² Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ) e Professor no Centro universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves (UNIPTAN). E-mail: rodolfo.machado@uniptan.edu.br

Nada está adquirido nunca, nada está prometido nunca, senão a morte. Por isso só se pode escapar à angústia aceitando isso mesmo que ela percebe, que ela recusa e que a transtorna. O quê? A fragilidade de viver, a certeza de morrer, o fracasso ou o pavor do amor, a solidão, a vacuidade, a eterna impermanência de tudo... Essa é a vida mesma, e não há outra. Solitária sempre. Mortal sempre. Pungente sempre. E tão frágil, tão fraca, tão exposta! (SPONVILLE, 2000)

INTRODUÇÃO

O tema morte é um tabu e acaba causando um mal-estar e repulsa à maioria das pessoas, que por se angustiar e não saberem lidar, preferem evitar falar, ouvir e aprofundar sobre o assunto. A experiência da morte é subjetiva e cada pessoa a experiencia de maneira individual e única.

O site de notícias BBC News Brasil teve acesso a pesquisa que mostra dificuldade dos brasileiros para lidar com a morte. Entre os principais resultados está a baixa presença do tema no dia a dia: 74% afirmam não falar sobre a morte no cotidiano. Os brasileiros associam também a morte a sentimentos difíceis, como tristeza (63%), dor (55%), saudade (55%), sofrimento (51%), medo (44%). Somente uma pequena parcela faz associação a sentimentos que não estão no campo da angústia, como aceitação (26%) e libertação (19%). O desconforto diante de certos rituais decorrentes da morte chegou a quase metade dos entrevistados: 45% disseram não se sentirem sempre à vontade para ir a um enterro ou velório.

Por outro lado, mudanças culturais podem estar transformando também os rituais fúnebres. Afinal, a histórica matriz católica no Brasil tem forte influência na simbologia da morte, mas, ao mesmo tempo que a parcela de evangélicos tem crescido, avança também ao longo dos anos o percentual dos brasileiros que consideram não ter religião (de 7,4% da população em 2000 para 8% em 2010). Outra etapa dolorosa no contato com a morte vem com o luto: além da própria perda, não se sabe como lidar com ela. Para 82% dos entrevistados, é verdadeira a frase de que "não tem nada mais sofrido e dolorido que a dor da perda".

Os rótulos que a sociedade atribui ao morrer, na maioria das vezes dizem respeito a um evento negativo. Segundo César (2006), o modo como a mídia divulga as notícias faz parecer que esse tipo de coisa só acontece com as outras pessoas. Segundo Moreira e Lisboa (2006), é necessário naturalizar a morte, assim como se faz pelo conceito de vida. Assim, o evento da morte deve ser vinculado ao processo de vida como natural, mas finito, para influenciar o indivíduo a valorizar ambos os processos.

Atrelado às manifestações sociais relacionadas à morte, temos os rituais de luto, que podem marcar o momento da perda de um dos membros da família; afirmar a vida como foi vivida pelo que morreu; facilitar a expressão do luto conforme os valores da cultura; falar sobre a morte e sobre a vida que continua expressando significados; apontar uma direção que faça sentido diante da perda e da continuação da vida dos que ficaram (Imber-Black, 1998). Os rituais de luto, no entanto, podem ocorrer de forma rígida ou vazia, havendo a possibilidade de uma desconexão de qualquer sensação de elaboração genuína, porque em

nossa sociedade, segundo Imber-Black (1998, p. 230), “a falta de rituais de luto autênticos na vida contemporânea frequentemente impede o processo necessário de elaboração após uma morte” (p. 230).

A partir desse tema da morte e seus rituais de passagem praticados no mundo ocidental, a população escolhida para a presente pesquisa foram pessoas enlutadas que decidiram por não participar dos rituais pós morte de seus entes, preferindo passar pela experiência de não se despedir. Nosso objetivo foi de buscar uma compreensão do posicionamento das entrevistadas e como o sentido construído por elas dialogava com o fenômeno do luto experienciado.

Para isso, fizemos primeiramente uma revisão na literatura de origem fenomenológica a partir de autores que trabalharam o luto, a morte e os ritos. Nosso intuito nessa fundamentação foi de obter um referencial teórico que proporcione um entrelaçamento entre as concepções da abordagem fenomenológica com o conteúdo relatados das entrevistas, visando uma conexão que viabilize a compreensão e a abertura de sentido.

Posteriormente descrevemos nossos procedimentos metodológicos utilizados na entrevista. Para finalizar, trouxemos trechos dos relatos das entrevistas realizadas no intuito de explorar hipóteses de sentido e tensioná-los com a fundamentação teórica com a fundamentação teórica realizada. Em conclusão realizamos uma síntese do trabalho dialogando com os resultados apresentados.

Morte, luto e sentido

Para que possamos ter um material teórico com o qual entrelaçar os conteúdos da entrevista, fizemos uma revisão sobre como o tema da morte, do luto e do sentido são tratados na literatura fenomenológico-existencial. Nos baseamos de forma mais intensa nos autores Lisboa e Crepaldi (2003), Boos (1977), Worden (1998), Parker (1998), Kestenberg (1992), Heidegger (2005) e Frankl (1978). As contribuições dos autores citados nos ajudarão a construir pontes de sentido entre os relatos e a teoria fenomenológica.

As várias facetas da morte e do processo de morrer contam com dor e sofrimento, além da lacuna deixada pela pessoa. O tipo de morte parece corroborar o nível de aceitação dos que ficam. Neste sentido, a morte prolongada promove uma compreensão de se tratar de alívio para o morto. No entanto, a morte súbita resulta em incompreensão e tristezas profundas (Lisboa e Crepaldi, 2003). Uma maneira de superar essa dor é internalizar o conceito de que há tempo para tudo na vida, inclusive o de morrer: nada dura para sempre.

Boss (1977) trouxe mais diretamente as questões da angústia e culpa como fatores predominantes na existência humana. No caminho do impedimento da morte, o medo atua

desde os primórdios a favor da sobrevivência: através de atitudes defensivas e fuga, assim como pelo sentimento de culpa, as atividades destruidoras costumam ser “interrompidas” dentro de uma mesma espécie. Ainda assim não se esclarece pela coletividade o que pode ser a angústia ou a culpa. Efetivamente, a angústia psicológica sempre é “de algo” e a culpa está relacionada com algum débito a ser pago. Angústia psicológica é um dos sentidos pelos quais o homem habita o mundo e o temor relacionado a ela é, em última escala, o fim da existência. Tampouco há culpa sem débito, o elemento constitucional da culpa é a dívida. Viver na angústia psicológica é temer a própria vida, uma vez que existir leva à extinção. Por outro lado, a única garantia que se tem é a de que um dia a vida acaba: “(...). Portanto, não será a angústia necessariamente inerente à vida, como um dote do nosso estar-aí, do qual não é possível, nem psicoterapeuticamente, se livrar?” (Boss, 1975, p.28).

De acordo com Worden (1998), os moldes de luto característicos dos seres humanos são discutidos numa perspectiva de saber se há como recuperar-se totalmente de um processo como este ou se apenas há danos operacionais administráveis pelo resto da vida. Claramente, o processo de luto é imprescindível para qualquer desenvolvimento humano posterior a perda. São mencionadas quatro tarefas a serem cumpridas com o objetivo de finalizar o processo: a tarefa I é aceitar a realidade da perda; a II, elaborar a dor da perda; a III, ajustar-se a um ambiente onde está faltando a pessoa que faleceu e a IV, reposicionar em termos emocionais a pessoa que faleceu e continuar a vida.

Na primeira, deve-se compreender e acolher a ideia de que a pessoa não retornará, o que requer dois procedimentos: um mental e outro emocional. A segunda tarefa inclui a anterior no sentido de igualmente reconhecer algo, neste caso, a dor sentida pela perda. Ressalta-se que não se deve tentar suprimir o que dói neste ponto do processo, pois isto pode resultar num luto complicado. Na terceira tarefa há grande esforço ao separar o papel que o outro tinha na vida da pessoa que ainda vive, do que esta própria pessoa tem essencialmente dentro de si e sua capacidade de realização das mesmas atividades desempenhadas anteriormente pelo falecido. A pessoa que perdeu alguém precisa, durante esta tarefa, encontrar seu rumo e assim dar sentidos à perda com a finalidade de recuperar o domínio de sua biografia. Quanto à tarefa IV, não se trata de olvidar o ocorrido, mas da diminuição da necessidade de relembrar a pessoa falecida o tempo todo. É preciso encontrar um espaço emocional para deslocar as memórias, habilitando deste modo uma vida proveitosa no mundo dos vivos. E também ressaltamos, com Parkes (1998) que este é um processo normal, que envolve uma crise de identidade psicossocial e que vai-se finalizando à medida que o indivíduo logra retomar o curso de sua vida, mantendo uma representação simbólica do finado dentro de si.

Segundo Kestemberg (1992) a morte é algo alienável que o homem não aceita como

parte de sua existência, pois a experiencição para com esta vem do morrer do outro e não algo vivenciado em verdade. O sentido dado a morte dentro da realidade da perda de um ente querido vai depender da experiência de cada pessoa e do significado do fenômeno na vida dela. Diante desse momento em que o ser é convidado pela própria vida a responder de alguma forma “a ser aí”, entendendo que dentro da fenomenologia ele tem uma intenção, que gera uma escolha e que o fará decidir o que fazer diante da perda.

Apresentando-o como “obra aberta”, Heidegger (2005) pretende evidenciar que o ser- aí não consiste na experiência ôntica de um sujeito, de uma subjetividade, de um ego substancialmente estabelecido; daí o comentário que reforça a necessidade de abdicar das interpretações objetivantes que redundariam num ego encapsulado, numa subjetividade inserida na dicotomia sujeito-objeto. Sendo assim, com o termo ser-aí, Heidegger entende um ser situado no mundo, um ser que possui um mundo por correlato, correlato este sem o qual ele próprio nada seria.

O ser-aí é este que não possui essência, substancialidade ou quididade e, quando pensado como um semicírculo, deixa transparecer que é uma experiência em aberto, um ser inacabado e, portanto, muito diverso da condição de um objeto subsistentemente dado (Heidegger, 2005). Nesse sentido, para uma perspectiva fenomenológica, o sentido não pode ser dado ou criado, mas deve ser encontrado. “E nessa busca o homem é orientado pela consciência. Em uma palavra, a consciência é o órgão do sentido, é a capacidade de descobrir o sentido único e irreproduzível que se esconde em cada situação” (Frankl, 1978, p. 19). É essa abertura do ser, e suas consequências na construção do sentido da morte explorado pela psicologia fenomenológica que nos guiará ao explorarmos os relatos de pessoas que fizeram a escolha de lidar com sua perda sem participarem dos rituais de luto.

Rituais e suas funções

Como iremos lidar com indivíduos que passaram pela perda e tomaram determinada posição específica frente aos ritos de luto, fizemos também uma revisão sobre como a temática dos ritos e suas funções são tratados na literatura fenomenológico existencial. Nos baseamos especialmente nas contribuições dos autores Bayard (1996), Bromberg (2000), Herouet (2013), Ariès (1977), Heidegger (2005), Worden (1998) Bowlby (1990), e Freitas (2000). As obras dos autores citados nos auxiliarão a articular posteriormente quais as possibilidades de sentidos carregadas pelos ritos envolvendo a morte.

Entrelaçado com o momento pós morte acompanham situações dolorosas como os rituais, o velório, enterro e a despedida com todo o trâmite socialmente conhecido, aquilo que é cultural e acaba movimentando de forma automática ou não aqueles que ficaram diante

do cenário de morte.

Para definir o ritual fúnebre, partiremos de uma definição encontrada na obra de Bayard (1996, p.7), intitulada: *Sentido oculto dos ritos mortuários: Morrer é morrer?* que diz: “Todas as vezes que a significação de um ato reside mais em seu valor simbólico do que em sua finalidade mecânica, já estamos no caminho do procedimento ritual” (p. 7). Na perda por morte existe um luto, uma dor que não é mensurada e que acaba sendo assistida e avaliada por outras pessoas participantes daquele momento organizado, desde família, conhecidos e até curiosos por ser um fato marcante, único, um acontecimento que dá por encerrar aquela vida na terra, é um colocar “fim” aquela relação tanto para o enlutado como para toda sociedade.

Bowlby (1990; 1998) refere que o homem possui uma tendência para estabelecer vínculos afetivos fortes, estreitos e próximos, considerando a necessidade das pessoas em estabelecer relações que as provenham de segurança, cuidados e proteção. Considera que o apego se desenvolve desde a infância, é dirigido a um número pequeno de pessoas e pode estar presente ao longo do ciclo de vida do ser humano. Entretanto, quando a figura do apego lhes falta, há uma resposta e nela, está presente uma intensa ansiedade e um forte protesto emocional. Ainda ressalta que para compreender o impacto da perda na conduta humana é necessário conhecer o significado do apego. Desta forma, o luto é uma resposta a uma perda de uma pessoa com quem se tenha uma relação significativa, destacando que só pode haver luto quando existe um vínculo que tenha sido rompido.

Para Freitas (2000), quando ocorre o rompimento de um vínculo afetivo, pode haver dor e depressão. Essa resposta irá depender do tipo e de como foi a relação afetiva entre a pessoa que vivência o luto e aquela que faleceu. Essa condição influencia e explica a reação emocional quando ocorre uma perda significativa. Nesse processo de vivenciar a morte do outro, ele começa a pensar em sua própria vida, sobre o que faz, sobre os seus projetos. Com o vazio, refletirá sobre o papel e função que seu ente agora morto tinha em sua vida.

Os rituais relacionados com a morte, como os funerais, servem para contextualizar a experiência, permitindo as mudanças de papéis e a transição do ciclo de vida. Além do mais, podem oferecer à família o suporte da sensação de pertencer a uma cultura, capaz de proporcionar respostas previsíveis num momento em que o choque da perda deixa-a entorpecida e desarticulada. Desta maneira, a universalidade das manifestações humanas diante da morte existe para atender às necessidades psicológica e social de dar um enquadramento e uma previsibilidade à perda pela morte (Bromberg, 2000).

Herouet (2013) ao ressaltar que, apesar de a cerimônia ser, a priori, em homenagem ao morto, a vida continua é para os vivos, sendo o ritual, portanto, especialmente vital e benéfico para aqueles que assistem, criando um momento de comunhão, de estar juntos, de

cumplicidade, de compaixão e renovação, estabelecendo conexão com o seu sagrado e marcando o início do luto necessário. Desta forma, pode ser, para muitos, importante garantir um tributo digno ao falecido em uma cerimônia para marcar este momento, estabelecendo uma reintegração do defunto em outro lugar, que é o da memória.

Para Rivière (1997, p. 30):

(...) os ritos devem ser sempre considerados como conjunto de condutas individuais ou coletivas, relativamente codificadas, com um suporte corporal (verbal, gestual, ou de postura), com caráter mais ou menos repetitivo e forte carga simbólica para seus atores e, habitualmente, para suas testemunhas, baseadas em uma adesão mental, eventualmente não conscientizada, a valores relativos a escolhas sociais julgadas importantes e cuja eficácia esperada não depende de uma lógica puramente empírica que se esgotaria na instrumentalidade técnica do elo causa-efeito.

Partindo desse ritual tradicional existe uma parcela dessa população enlutada que decide por não participar dos rituais pós morte de seus entes sendo esse o problema de pesquisa levantado. Segundo Ariès (1977, p. 57) surge então um sentimento de: “evitar não mais o moribundo, mas à sociedade, mesmo os que o cercam, a perturbação e a emoção excessivamente fortes, insuportáveis, causados pela fealdade da agonia [...]”.

O fato da escolha por parte do enlutado de não querer vivenciar tais rituais pode estar relacionado com aquilo que é insuportável aos seus olhos, que é a separação sem volta daquele ser que por sua escolha tornara-se alvo do seu amor e afeto. Diante da morte com aquela que rompe tal vínculo afetivo, pelo fato de não ter sido sua escolha tal afastamento, o enlutado vivencia uma angústia experimentando um “ser-para-a-morte”. Worden (1998), quando afirma que nas condições de luto, não é raro a pessoa enlutada sentir que perdeu a direção da vida, a pessoa ressentir-se do fato de ter que desenvolver novas tarefas e/ou de desenvolver funções que antes eram desempenhadas por companheiros.

O enlutado que experimenta a dor da morte de seu ente, sendo ele livre, é de sua responsabilidade dar um novo sentido para sua vida. A morte de um ente transporta naturalmente a pessoa para a condição de ser-no-mundo enlutado, na qual a ausência do ente terá que ser enfrentada. A morte não pode ser driblada pelo sujeito enlutado, mas é de sua responsabilidade optar por não vivenciar os rituais pós morte de seu ente, se assim preferir.

MÉTODOS

Classificando a pesquisa com base em sua finalidade, o presente estudo teve natureza exploratória, visto que seu objetivo ampliou a compreensão do fenômeno do enlutado e levantou hipóteses sobre suas possíveis consequências emocionais conscientes ou encobertas

na vida dos enlutados.

O delineamento dessa pesquisa exploratória deu-se através de um estudo de campo, baseado nos procedimentos técnicos utilizados que foram entrevistas semiestruturadas com pessoas que tiveram a experiência direta com o fenômeno estudado, buscando o aprofundamento das questões propostas.

Foi realizado um convite via telefone ou e-mail contendo as informações necessárias para entendimento do objetivo da pesquisa e foi verificado o interesse e disponibilidade dos participantes para a entrevista. O local das entrevistas foi à escolha das entrevistadas, podendo ter sido nas dependências do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Universidade na qual a pesquisadora atualmente é vinculada. Nas entrevistas, inicialmente, foi imprescindível a retomada junto às participantes quanto aos objetivos da pesquisa. Foi aberto espaço para esclarecimentos sobre a mesma, reafirmando a participação voluntária, que pôde ser interrompida a qualquer momento caso o participante desejasse desistir. Diante da concordância das entrevistadas, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, informando e garantindo a privacidade, confidencialidade e o anonimato das informações recolhidas e assim foi realizada a entrevista semiestruturada de forma individual em dias diferentes com três mulheres. As entrevistas foram registradas em gravador, com tempo entre 1h e 1h30 minutos de duração cada uma. As participantes são apresentadas pelas letras A, B e C. A população estudada foram três mulheres maiores de idade enlutadas que decidiram não participarem dos rituais de enterro e despedida de seus entes. Por fim, houve análise dos dados coletados a fim de responder o que foi proposto nos objetivos desta pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No presente estudo, a primeira entrevistada A tem 62 anos, perdeu seu ente querido há 1 ano. A segunda entrevistada tem 30 anos, perdeu seu ente querido há 11 anos e a terceira entrevistada tem 45 anos perdeu seu ente querido há 25 anos. Ambas perderam seus entes queridos, cujo grau de parentesco é de primeiro grau: mãe. A participante C relata ter perdido a avó que considerava e chamava de mãe. As três foram selecionadas por fazerem parte da fatia da população a ser estudada: enlutados que decidiram por não participar dos rituais pós morte de seus entes, preferindo passar pela experiência de não se despedir.

OS VÍNCULOS AFETIVOS COM OS ENTES

Quando indagadas na entrevista sobre qual a função de seu ente querido em sua vida,

a entrevistada A: “Era muito importante a forma dela pensar, porque serviu de parâmetro para mim, boa parte de minha formação pessoal veio dela, tinha ela como modelo”. A entrevistada B relata: “Minha avó era minha segurança, estrutura, base, mãe, pilar forte na vida, referência familiar. Quando a morte vem ela leva isso tudo”. Entretanto, complementa: “A morte tem dois pesos e duas medidas, ela te tira e te dá outras coisas: me tirou uma base fortificada mas também me deu a oportunidade de cuidar de mim. Hoje tenho a mim. Mudei, fui para a faculdade, tomei meu rumo e minha avó tomou o dela”. E a entrevistada C disse: “minha mãe vivia para mim e para minha irmã, com ela eu tinha segurança, era protegida, podia ficar tranquila.

Em todas as três entrevistas, percebe-se o que foi mencionado assim, sobre o apego e o tipo de relação afetiva que vai ter correlação direta com a forma de se enfrentar o luto, dentre outras variáveis. Bromberg (2000), Domingos e Maluf (2003) ressaltam que, quando um ente querido morre, o enlutado não perde só a pessoa, o corpo físico, mas também o que este representava em sua vida. As perdas são acompanhadas por uma constelação de perdas secundárias subsequentes à perda inicial. Para Bromberg (1996), Worden (1998) e Parkes (1998), a pessoa que perde um ente querido, geralmente, tem que levar a vida adiante e aprender novas formas de lidar com o mundo, aprender novos papéis que não poderão ter apoio da pessoa falecida, com quem contava.

Quando indagadas sobre afeto, como afetavam e era afetadas pelos entes falecidos elas disseram:

Eu e minha mãe cozinhamos juntas, trocamos receitas e ideias, pedia a ela conselhos, ouvia os seus segredos de culinária. Com ela aprendi bordado, crochê, tricô. Dialogava muito, era minha conselheira, uma pessoa “super fibra”, uma mulher que não se esmorecia era uma pessoa forte, decidida, determinada era uma modelo para mim (Entrevistada A).

A entrevistada B tinha um laço afetivo similar:

Minha avó era figura que eu tinha como mãe, ela era mãe coruja, com o jeito dela era cuidadora, era afetuosa. Minha avó acreditava em mim e queria que eu desse certo. Ela não precisava duvidar de mim porque eu estava debaixo do teto dela, portando me conhecia. Ela me aceitava e me dava credibilidade e também me valorizava.

Já a entrevistada C, apesar do forte vínculo afetivo como as demais, demonstra também certo grau de incômodo com a simbiose da relação, como mencionado acima, sente que se tornou mais independente após o processo de luto:

Meu relacionamento com a minha mãe era de união, de inteira dependência, ao ponto de me confundi eu com ela, queria salvá-la e ajudá-la, resolver seus problemas. Ela também decidia pela minha vida, fazia escolhas por mim, pensava em tudo antes de mim. Eu me lembro que misturava muito esse papel de mãe e filha, não me via no lugar de filha não

Para Freitas (2000), quando ocorre o rompimento de um vínculo afetivo, pode haver dor e depressão. Essa resposta irá depender do tipo e de como foi a relação afetiva entre a pessoa que vivencia o luto e aquela que faleceu. Essa condição influencia e explica a reação emocional quando ocorre uma perda significativa, entre elas, uma perda relacionada à atividade ocupacional.

A ESCOLHA DE NÃO PARTICIPAREM DOS RITOS

A morte, como fenômeno comum da coletividade, atravessa vários setores da sociedade fatores individuais. Na coletividade, esse processo interfere no fator econômico, salutar e de desenvolvimento de um país. Como fator individual, pode representar a falta ou ganho de renda, e a perda de amparo familiar (Gurgel, 2007).

Segundo Moreira, Abreu e Oliveira (2006), o homem pode realizar suas potencialidades na autotranscendência quando encontra um sentido fora dele mesmo, no encontro autêntico com o outro. A experiência de ser com-o-outro como dimensão da existência possibilita a vivência da conduta moral – sempre concreta, situacional –, que por sua vez permite desvelar o sentido dos valores da existência com-o-outro.

Diante da pergunta que é a norteadora da pesquisa: qual era a intenção das entrevistadas quando decidiram por não participarem dos rituais fúnebres de seus entes queridos, as respostas se referem, dentre outros fatores, a não submissão a uma pressão social que não fazia sentido para elas.

Resposta da entrevistada A:

Na morte do meu pai, minhas tias choraram muito. De repente foi por isso que decidi não participar dos rituais de velório e enterro. Me sentiria mal em ver essa situação se repetir com a morte da minha mãe. Talvez iriam querer me cobrar um comportamento que eu não teria, achei melhor assim. O ritual em si é cobrado pela sociedade. Não gosto de cobrar nada da filha nesse sentido. O ritual a gente tem que respeitar. Existem vários tipos de rituais diferentes em cada cultura.

Já a entrevistada B, conecta sua atitude com seu pensamento, conceito e valor, passado pela própria avó em vida, do que é a morte para ela e seus significados: “como dizia minha vó, já foi embora mesmo e o corpo que está ali é só um corpo apodrecendo e eu tinha nojo de tocar nele, ela não estava mais ali”. Entretanto, o fator da cobrança social também apareceu: “eu me perguntei por que tenho que fazer sala para estas pessoas? Se ao longo da vida dela, ela doente ninguém nunca apareceu. Por que eu, a maior atingida por tudo, tinha que fazer sala para alguém?” E continua reafirmando o cunho social que os rituais muitas

vezes podem representar:

Eu fiquei indignada. É tão tradicional as pessoas ficarem do lado do caixão chorando. Para a minha mãe eu ter saído fora disso foi uma ofensa, mas de fato não havia sentido para mim aquela cerimônia”. E cede a essa pressão social quando diz: “Não fiquei perto do corpo enquanto ele se encontrava na casa, não fui lá choramingar, mas aí na missa fui obrigada a ir”.

A entrevistada C tinha um imaginário construído socialmente e muito forte em nossa cultura sobre a fuga e/ou repúdio das situações que envolvessem o assunto “morte”. Ela diz: “tinha muito medo e pânico de entrar no cemitério, não gostava de velório, ver defunto. Eu a vi falecer e assim que vi, saí de perto e não quis mais ver. Minha irmã foi lá e trocou de roupa da minha mãe”. E segue:

Eu nunca gostei de participar de velório, ela gostava, eu não. Tinha medo de ver o corpo, medo que o espírito aparecesse para mim, muito medo e pânico, não ia em cemitério nem participava de velório não só o dela. Não fui do meu pai, tio, vó, de ninguém nunca quis ver. Eu fui para outro cômodo, um quarto.

A terceira entrevistada completa que tem dificuldades com finalizações de modo geral como despedidas de pessoas que se mudam, quando se despede de alguma visita ou vai visitar alguém, alta da psicoterapia, fim de relacionamento, de trabalho, de estudo, etc.

Diante das respostas dadas pelas entrevistadas A, B e C percebe-se a semelhança com as respostas dos entrevistados da reportagem citada na introdução, onde o desconforto diante de certos rituais decorrentes da morte foi citado por quase metade dos entrevistados: 45% disseram não se sentirem sempre à vontade para ir a um enterro ou velório.

Imber-Black (1998) alerta que os rituais de luto podem ocorrer de forma rígida ou vazia, podendo deixar as pessoas desconectadas de qualquer sensação de elaboração genuína, porque, segundo ele “a falta de rituais de luto autênticos na vida contemporânea frequentemente impede o processo necessário de elaboração após uma morte” (p. 230). Entretanto, as entrevistadas transparecem estarem bem diante das suas decisões de não comparecimento nesses rituais, o que corrobora com a hipótese de que a ideia de necessidade de passar pelo ritual para uma elaboração pode ser mais um discurso social vigente, pois as possíveis formas de elaboração são singulares e intransferíveis, além de múltiplas.

POSSIBILIDADES DE SENTIDO A PARTIR DO LUTO

Sobre a forma de lidarem com a morte em si, para além dos rituais, as entrevistadas demonstraram formas de enfrentamento como “não tenho receio em falar sobre a morte”. Já tive em coma, apaguei e voltei rápido, entendi que nós perdemos a vida de repente (...) Comecei a falar e a pensar em finitude, escrevi sobre esse tema, tenho um livro”.

A partir do contato com a temática em suas vivências, a reflexão sobre o fim, mas principalmente sobre a vida, foram amplificadas, corroborando com a teoria Heideggeriana sobre os propósitos de vida serem mais autênticos após se pensar no fim dela:

Comecei a me preocupar e falar dela depois dessa experiência da perda da minha avó nomeada de “minha mãe”. Qualquer sofrimento começou a ficar banal perto do meu de ter perdido a figura maternal da minha vó. Eu percebia que a morte dela se aproximava, mas eu não esperava que fosse uma surpresa. Comecei a falar que na escola não se fala sobre a morte. A morte é a única certeza que a gente tem. O tempo todo nasce e morre coisas (Entrevistada B).

A reflexão sobre a vida a partir da vivência com a morte também foi citada pela entrevistada C:

Tenho conversado sobre a morte com meu filho, minha mãe também conversava comigo, dava exemplo da morte de um bichinho como forma de aliviar. Já vivenciamos juntas a morte de animal de estimação, a gente conversava sobre, depois fazíamos uma oração.

E complementa:

Para mim a morte é sempre impactante, tenho dificuldade com a finitude, não acredito que acabou, acredito que continua, o corpo morre e a alma continua evoluindo. Enfim, é um fechamento de ciclo e isso pra mim impacta muito. Morte é algo que tem vindo para mim como autoconhecimento, por causa dela fiz terapia, fiz constelações, esse tema sempre foi muito forte na minha vida.

A visão particular de cada um sobre a morte resulta de uma série de fatores, associados à herança cultural, formação pessoal e convívio social, em que os indivíduos reconstróem os objetos representacionais, neste caso a morte e o morrer; e podem expressar-se a partir da ressignificação desses conceitos (Teixeira et. al., 2006).

Apesar da reportagem citada em nossa introdução ter relatar que 74% afirmam não falar sobre a morte no cotidiano, o presente estudo constatou uma possibilidade de elaboração do luto a partir da naturalização da temática da morte, mesmo em pessoas que escolheram não participar dos rituais tidos como necessários para tal elaboração.

Sobre essas novas possibilidades de elaboração do luto, apesar da não presença nos rituais de despedida, as entrevistadas citaram momentos em que a relação se eternizou para elas como vivências significativas:

Não ligo em não ver minha mãe novamente, eu acredito que já vivenciamos uma vida bem legal juntas, onde rimos juntas, ouvimos músicas juntas. Hoje gosto de ouvir as músicas que ela ouvia enquanto cozinhava, arrumava casa, cozinhava, cantando inglês tudo errado (...). Ela esteve em uma fase e passou para outra, está em outro cômodo, melhor explicação que posso dar. Faleceu em março de 2022. Quando estava viva, tirei proveito, tenho boas memórias dela me ensinando a cozinhar, bordar. Tanto minha mãe, quanto meu pai,

ambos falecidos, foram muito atuantes em minha vida. Não eram perfeitos deram aquilo que tinham para me dar. Fizeram bem o papel deles de pais, dei e recebi (Entrevistada A).

A entrevistada B também relata reavaliações de valores a partir da vivência e perda de um ente querido:

Minha avó morreu com 76 anos. Tinha perfil de vó diferente: era vaidosa, não cozinhava para chamar família, gostava de pintar o cabelo de vermelho, unhas grandes, gostava de ir ao baile, gostava de aproveitar a vida e isso ficava de bom. O que fica também é uma reflexão, o repensar a maternidade de uma mãe fora do padrão, me passava autenticidade, mas viveu assim só depois que meu avô morreu.

Frankl assegura que “o que nós precisamos é respeito ao passado, não ao futuro; o passado é inevitável, o futuro, o nosso futuro está à frente da nossa decisão e da nossa responsabilidade” (Frankl, 1978, p. 151).

Sendo assim, pode-se pensar no sentido atribuído é escolhido para se dar ao desfecho da finitude. As entrevistadas demonstram motivações para a vida a partir da vivência com seus entes queridos, mesmo (e principalmente) a partir da despedida.

A minha forma de sentir saudades é diferente. Lembrar dos meus pais só serve de motivação para eu continuar caminhando. Diante das perguntas existenciais, me pergunto, se fosse minha mãe e meu pai como eles agiriam em determinada situação? Eles estão muito presentes em minha vida como antes. Como não tenho a presença física deles hoje para partilhar, faço a pergunta: o que eles me diriam hoje diante da situação que estou vivendo? Conhecia a forma deles pensarem (Entrevistada A).

A entrevistada B destaca possibilidades a partir da perda: “a morte ao mesmo tempo que ela me tirou essa base toda, ela me deu condição de viver minha vida do meu jeito”. E a entrevistada C corrobora que essa visão:

“Ficou gratidão por tudo que ela fez por mim, mesmo tendo sido nossa relação de dependência, gratidão dela ter me dado a vida, por ela ter cuidado de mim e saudade. Pra mim ela está em outro plano, e é isso, a morte não é o fim de tudo é como se ela estivesse viva em outro plano espiritual, em outra dimensão espiritual”.

O homem não é apenas um ser essencialmente individual, mas completamente histórico. Para Frankl (1978), na qualidade de ser histórico, o homem jamais “é”, mas sempre “vem a ser”. E ele somente será um “todo” quando sua vida terminar; somente então seu “mundo” será concluído. Igual a uma linha circular que se fecha sobre si mesma, de igual modo a vida o faz no momento da morte.

A memória recolhe os incontáveis fenômenos de nossa existência em um todo

unitário; não fosse a força unificadora da memória, nossa consciência se estilhaçaria em tantos fragmentos quantos os segundos já vividos (Ewald Hering, 1920 *apud*, Mourão, 2015). E a partir dessa memória, atribuímos significado aos acontecimentos em nossas vidas e em nossas relações. Dessa forma, as possibilidades de elaboração são inúmeras e nossas reações são decisões diante dos fatos que não controlamos mas temos sempre, em última análise, a possibilidade de ressignificar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, após análise do conteúdo das entrevistas, podemos destacar as principais correlações feitas pelas entrevistadas com os processos de luto vivenciados. A relação afetiva, o tipo e intensidade dessa relação, tem correlação direta com a forma como esse luto pode ser encarado. No caso das entrevistadas deste estudo, a proximidade era grande, eram vínculos maternos de intimidade, o que faz com que todas tenham lembranças afetuosas dos entes queridos.

Entretanto, o motivo pela escolha em não participar dos ritos de passagem foi relacionado, em todas as três entrevistas, com a pressão socialmente incutida em nossa cultura de que esses rituais precisam ser vividos, seja para “apresentar” à sociedade essa nova condição na dinâmica daquela família, seja pela suposta “elaboração psíquica” que pressupõe ter que ver o ente morto para acreditar ou ressignificar os fatos da nova realidade. Neste estudo, as entrevistadas disseram não se sentirem em conformidade com essa necessidade, não verem sentido nos atos públicos exigidos e, portanto, escolheram não participar. O que pôde ser percebido foi que esse processo de luto, no relato delas, não foi afetado necessariamente por essa escolha.

Todas mencionaram, ademais, que se percebem mais encorajadas a lidar com a temática de morte e luto após passarem por essas experiências de perda, se sentem mais reflexivas com relação ao sentido da vida e valorizam mais o que elas consideram, de fato, importantes e significativo para elas, em consonância então com os autores existencialistas Viktor Frankl que trabalha a busca de sentido a partir, também, do sofrimento e Heidegger que explora as possibilidades de vida com mais autenticidade a partir do contato ou reflexão com a morte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, P. **História da morte no ocidente: da idade média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Ediouro. 2003.
- BAYARD, Jean-Pierre. **Sentido oculto dos ritos mortuários: morrer é morrer?**. Paulus, 1996.
- BOSS, Medard. **Angústia, Culpa e Libertação: Ensaio de Psicanálise Existencial** (2ª ed.) (S. Barbara, trad.). São Paulo: Duas Cidades. 1977.
- BOTH, Tatiana Lima, ALVES, Alessandro da Rosa, PEREIRA, Camila, TEIXEIRA, Thaís Pinto. **Uma abordagem para o luto na viuvez da mulher idosa**. RBCEH, Passo Fundo, 2012. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/2788/pf>
- BOWLBY, J. **Formação e rompimentos dos laços afetivos**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BROMBERG, M. H. P. F. **A psicoterapia em situações de perdas e luto**. (2ª ed.). São Paulo: Editora Psy. 2000.
- CASELLATO, G. (Org.) **Dor silenciosa ou dor silenciada? Perdas e lutos não reconhecidos por enlutados e sociedade**. Campinas: Ed. Livro Pleno, 2005.
- DANTAS, Jurema Barros. O desafio de ser mortal: um ensaio sobre a questão da morte na atualidade. **Estudos e pesquisa de Psicologia**, UERJ, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v10n3/v10n3a16.pdf>
- DOMINGOS, B.; MALUF, M. R. Experiências de perda e de luto em escolares de 13 a 18 anos. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 577-589, set-dez, 2003.
- FRANKL, V. E. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Rio de Janeiro: Zahar. 1978
- FREITAS, N. K. **Luto materno e psicoterapia breve**. São Paulo: Summus, 2000.
- GURGEL, Wildoberto Batista. **A morte como questão social**. Barbaroi, n. 27, p. 60, 2007.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes. 2005.
- HEROUET, R. Rites et rituels funéraires: Fonctions, objectifs, bénéfiques. 2013.
Recuperado de
http://www.geneasens.com/dictionnaire/rites_et_rituels_fun%C3%A9raires.html
» http://www.geneasens.com/dictionnaire/rites_et_rituels_fun%C3%A9raires.html
- IMBER-BLACK, E. **Os rituais e o processo de elaboração**. In F. Walsh & M. McGoldrick. Porto Alegre: Artmed. 1998.
- KESTEMBER, Célia, Caldeira, F. et al. Situações de vida e morte uma questão reflexiva. **R. Bras. Enferm**, v. 45, n. 4, 259-265, Brasília, 1992. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/reben/a/9s4LrPNhCN6ch8jFKg8P3MB/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em: 5 jun. 2024

KOVÁCS, Maria Julia. Educação para a Morte. **Psicologia ciência e profissão**. v.25, n. 3, 484-497, 2005. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pcp/a/SkwBgq7Xm8GLKJpQxmMMpDh/?lang=pt>
Acesso em: 1 jun. 2024

LISBÔA, Márcia Lucrecia; CREPALDI, Maria Aparecida. Ritual de despedida em familiares de pacientes com prognóstico reservado. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 13, p. 97-109, 2003.

MERTENS, Roberto S. Kahlmeyer. **Intencionalidade: estrutura necessária a uma psicologia em bases fenomenológicas**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2012. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S18084281201200030009

MOURÃO JÚNIOR, Carlos Alberto; FARIA, Nicole Costa. Memory. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 28, n. 4, p. 780-788, 2015.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; ABREU, Anderson Kerley Chaves de; OLIVEIRA, Marina Clemente de. Moralidade e sociabilidade em Frankl: um norte para superação da violência. **Psicologia em Estudo**, 2006, 11: 627-635.

PARKES, C. M. **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta**. São Paulo: Summus, 1998.

PAULA, Glaudston Silva de Paula. Morte e despedida: Análise processual de morte e morrer para grupos religioso e ateus. **Revista M**. Rio de Janeiro, v 8, n. 15. 2023
. Disponível em:<https://seer.unirio.br/revistam/article/view/10507>

RIVIÈRE, C. **Os ritos profanos**. Petrópolis: Vozes. 1997.

SOUZA, Christiane Pantoja de. SOUZA, Airle Miranda de. Rituais Fúnebres no Processo do Luto: Significados e Funções. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, 2019. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/ptp/a/McMhwzWgJZ4bngpRJL4J8xg#:~:text=Porto%20Al egre%3A%20Artmed.\)%2C,significados%3B%20apontar%20uma%20dire%C3%A7%C3%A3o%20que](https://www.scielo.br/j/ptp/a/McMhwzWgJZ4bngpRJL4J8xg#:~:text=Porto%20Al egre%3A%20Artmed.)%2C,significados%3B%20apontar%20uma%20dire%C3%A7%C3%A3o%20que)
Acesso em: 7 jun. 2024

SOUZA, Airle Miranda, CORRÊA, Victor Cavaleiro. Compreendendo o pesar do luto nas atividades ocupacionais. **Revista do Nufen** - Ano 01, v. 01, n. 02, agosto- novembro, 2009. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S217525912009000200009&script=sci_arttext

TEIXEIRA E. et al. Enfermagem. In A. E. Haddad et al. **A trajetória dos cursos de graduação na área da saúde: 1991-2004** (pp. 141-168). Brasília, Distrito Federal: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. 2006.

WORDEN, J. W. **Terapia do luto: um manual para o profissional de saúde mental.** 2^a ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.